

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

AUTORES(AS): Daniele Somensari, Giovanna Antonelli Santos, Paulo Emilio Bittencourt
Filho.

ORIENTADOR: Dr. Jaime Rodrigues

A LINGUAGEM DOS HOMENS DO MAR EM UM DICIONÁRIO DE
MARINHARIA: UM ASPECTO DA HISTÓRIA MARÍTIMA LUSÓFONA

GUARULHOS

2019

A linguagem dos homens do mar em um dicionário de marinharia: um aspecto da história marítima lusófona

Instituição sede: Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade Federal de São Paulo

Resumo: O projeto visa a estudar um aspecto fundante da cultura marítima desde o início dos tempos modernos: a questão da linguagem dos homens engajados no mundo do trabalho marítimo. Em primeiro lugar, debruçamo-nos sobre o *Dicionário de marinha, feito pelo contra-almirante reformado Carlos Diniz*, datado de 1913. Trata-se de um manuscrito inédito, que transcrevemos integralmente, e pretendemos preparar uma edição com notas críticas e explicativas, precedida de estudos analíticos sobre a obra.

Em seguida, o projeto tem uma intenção, a ser cumprida em prazo mais alongado, que é a de oferecer condições para a reunião, difusão e análise de fontes importantes para o estudo da História Marítima no ambiente luso-brasileiro, iniciando pelo *Dicionário* de Diniz.

Guarulhos, 2019.

1. INTRODUÇÃO

Ao lidar com as temáticas vinculadas à História Marítima, partimos da constatação de estarmos face ao paradoxo da existência, no Brasil, de uma das maiores costas marítimas do mundo e, ao mesmo tempo, nos depararmos com uma relativa indiferença em relação a esse espaço e às viagens marítimas como objetos de estudos pela historiografia.

Evidentemente, não pretendemos enfrentar aqui, em sua totalidade, o problema da escassez de uma historiografia centrada no espaço marítimo. No recorte proposto neste projeto, tomamos como ponto de partida a forma unânime como os estudiosos das questões marítimas apontaram a questão da linguagem dos homens do mar como um problema histórico.

Ao final do século XVIII, de acordo com as estimativas de Niklas Frykman, havia algo entre 300 e 400 mil profissionais qualificados para os trabalhos marítimos na Europa e América do Norte, entre trabalhadores dos estaleiros e membros das tripulações. O maior número concentrava-se nas ilhas britânicas (entre 100 e 150 mil), enquanto na Espanha eram em torno de 60 mil homens. Todos eles podiam ser empregados nas Armadas quando as guerras assim o requeriam, sendo que em tempos de paz a desmobilização liberava a maior parte desses trabalhadores para as atividades da marinha mercante¹. No que se refere a Portugal e à América portuguesa, cujos contingentes da tripulação marítima não foram quantificados por Frykman, pude reunir dados relativos a cerca de 30 mil homens engajados na marinha mercante, entre as décadas finais do século XVIII e os primeiros decênios do século XIX².

Se os números não deixam dúvidas acerca da importância dessa atividade, eles não explicam, por si sós, qual era a composição das tripulações e suas clivagens. A historiografia especializada ressaltou o internacionalismo como característica marcante das equipagens mercantes e militares até o século XIX. Nos séculos iniciais da modernidade, esse internacionalismo já era verificável em marinhas como a francesa: tratava-se de uma “assustadora salada”, como afirmou Jean Merrien, com onze nacionalidades diferentes representadas em cada grupo de quinze homens no século XVII³. Relatos literários de diferentes matizes, sobretudo em língua inglesa, deixam claro que as tripulações dos navios eram cosmopolitas e multiétnicas, com os problemas e as vantagens que isso acarretava. Nos momentos que antecediavam as batalhas navais opondo britânicos e holandeses no século XVII,

¹ FRYKMAN, Niklas. “Seamen on Late Eighteenth-Century European Warships”. *International Review of Social History*, 54: 2009, p. 68.

² A pesquisa nessa direção, desenvolvida desde 2011 e tendo por base os *Registros de Matrículas de Tripulantes* existentes na Junta do Comércio lisboeta (sob a custódia do Arquivo Nacional da Torre do Tombo), vem sendo sistematizada em planilhas, no âmbito do projeto sob a coordenação de Jaime Rodrigues, intitulado “Fragmentos da cultura marítima no Atlântico (séculos XVIII e XIX): autonomia escrava, ritos a bordo e vida material”.

³ MERRIEN, Jean. *A vida quotidiana dos marinheiros no tempo do Rei-Sol*. Lisboa: Livros do Brasil, s/d, p. 15.

por exemplo, as equipagens formadas por gente de origens variadas em ambas as Armadas – típicas do “internacionalismo proletário dos marinheiros” – criavam incertezas entre os oficiais de ambos os lados sobre se seus homens eram confiáveis e poderiam ser chamados a lutar⁴. Até o Oitocentos, o fenômeno atingiria proporções ainda maiores. Diferenças linguísticas e de outras naturezas culturais faziam com que a disciplina e a ajuda mútua ditassem o sucesso ou o fracasso das viagens, como as mesmas fontes literárias sugerem. Relatos distantes no tempo e em conjunturas diversas como os de Fernão de Magalhães e Richard Dana deixam clara a existência de importantes diferenças linguísticas entre os marinheiros⁵.

Marcus Rediker tem sido um dos autores a dar maior ênfase à importância da língua nos estudos de história marítima e a insistir que a composição do conjunto dos marinheiros era internacionalista nas marinhas anglófonas. A linguagem, entendida como o pivô de qualquer cultura, tinha um significado essencial no mundo do trabalho no mar, formando um “caldeirão de internacionalismo”, na expressão de Linebaugh, que era ainda mais notório nas tripulações piratas⁶. Aprender e ensinar o jargão próprio do mar era parte do processo que levava um homem a se tornar um marinheiro no âmbito de uma comunidade. Diferentes escritores notaram que os trabalhadores do mar falavam de maneira peculiar, em dialetos diferentes daqueles usados em terra e abstratos para os que não viviam embarcados. De qualquer modo, todos admitem tratar-se de uma língua do trabalho, necessária para o manejo técnico da embarcação e a viabilização das viagens, mas também para a socialização entre companheiros de trabalho que falavam, originalmente, línguas diferentes entre si e precisavam concatenar seus movimentos e articulações de naturezas variadas utilizando uma linguagem compreensível por todos. Como sugere Rediker, se o engajamento no mundo do trabalho marítimo levava a um desenraizamento cultural, ao mesmo tempo criava novos laços, entre os quais se incluía uma linguagem em comum. A língua dos homens do mar abarcava não apenas o domínio técnico sobre as peças e procedimentos a adotar no navio em benefício de todos os embarcados (especialmente em situações de perigo), como era também uma forma de transmissão das ordens, da preservação e do questionamento da hierarquia, na medida em que precisava ser um instrumento na comunicação entre o capitão e a tripulação, sendo, portanto, conhecida e

⁴ FRYKMAN, Niklas. “Connections between Mutinies in European Navies”. *International Review of Social History*, 58: 2013, Special Issue, p. 95.

⁵ MACK, John. *O mar: uma história cultural*. Silveira: Book Builders, 2018, p. 50-51, 219-221.

⁶ LINEBAUGH, Peter. “Todas as montanhas atlânticas estremeceram”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, nº 6, set. 1983; LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Cia. das Letras, 2008; SCOTT, Julius Sherrard. *The Common Wind: Currents of Afro-American Communication in the Era of the Haitian Revolution*. Ann Arbor: Duke University, 1986.

compartilhada por todos⁷. Tratava-se, assim, de uma linguagem concisa, acurada e técnica que expressava as tensões, os saberes, as sensibilidades e as relações sociais a bordo.

O problema a ser encarado no desenvolvimento deste projeto, portanto, dialoga com uma abordagem consolidada na historiografia marítima internacional. Trata-se de investigar, por meio dos dicionários de marinharia, a questão da linguagem marítima, suas transformações e permanências no decorrer do tempo e diante das mudanças técnicas. Ao mesmo tempo, é preciso observar o espaço da navegação luso-brasileira em suas especificidades frente às outras marinhas para as quais a historiografia é mais volumosa e enraizada. Diferentemente do que historiadores anglófonos e francófonos argumentam para as situações que estudam, o espaço lusófono da navegação não era tão internacionalista se observado em perspectiva comparada. A sistematização das matrículas de tripulantes da Junta do Comércio lisboeta, indicam que mais de 90% das equipagens lusas entre os séculos XVIII e XIX eram compostas por reinóis⁸. Esse dado imediatamente nos coloca diante de uma homogeneidade maior dos marinheiros e oficiais portugueses do ponto de vista linguístico.

Todavia, essa constatação da maior homogeneidade não deve levar à conclusão apressada de que o domínio da linguagem marítima não pressupunha um aprendizado. As profissões do mar eram transmitidas no próprio desempenho do trabalho, o mesmo ocorrendo com o domínio da técnica e da linguagem. Boa parte desses marinheiros, embora fossem reinóis ou nascidos nos domínios coloniais, portanto falantes do português, vinham de experiências de pouco letramento e de trabalho no campo ou em pequenos serviços urbanos. Tratavam-se, assim, de homens quase que inteiramente alheios aos conhecimentos e ao jargão marítimos até se engajarem em navios de longo curso.

A edição de um dicionário de marinharia inédito, que será descrito a seguir, precedido de estudos elaborados por historiadores experientes na temática, permitirá o estabelecimento de um diálogo profícuo com a historiografia marítima internacional, contribuindo para aprofundar os ainda relativamente poucos estudos históricos no Brasil sobre essa temática e sobre o próprio uso da língua e seus registros como fontes importantes para o conhecimento do passado.

⁷ REDIKER, Marcus. *Between the Devil and the Deep Blue Sea: Merchant Seamen, Pirates, and the Anglo-American Maritime World (1700-1750)*. Nova York: Cambridge University Press, 1989, p. 162-164.

⁸ Um estudo sobre isso, que resulta da análise de uma amostragem dos dados coletados, pode ser visto em RODRIGUES, Jaime. "Embarca agora a primeira vez: marinheiros na rota Lisboa-Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX". *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 9, p. 15-30, 2015.

2. OBJETIVOS

A proposta aqui apresentada parte dos diferentes recursos impressos e manuscritos que vimos coletando, disponíveis *on-line* e em bibliotecas e arquivos, focando a atenção nas fontes luso-brasileiras para o estudo de uma História Marítima com o objetivo de produzir transcrições, instrumentos de pesquisa, levantamentos bibliográficos e estudos historiográficos sobre o tema. Inicialmente, destacamos as fontes acerca da linguagem marítima e as narrativas de viagens como pontos de partida para as reflexões a serem feitas em grupo de pesquisa envolvendo docentes, historiadores em instituições museológicas e estudantes do curso de graduação e pós-graduação em História da EFLCH/UNIFESP.

A proposta é a edição crítica de uma fonte, a ser publicada como livro, precedido de textos de apresentação e análise em edição bilíngue português/inglês. Trata-se do *Dicionário de marinha, feito pelo contra-almirante reformado Carlos Diniz*. O original do *Dicionário*, concluído em 1913, encontra-se na Biblioteca Central da Marinha, em Lisboa, catalogado sob a rubrica RDe4-09, e conta com 291 páginas manuscritas. Carlos Leopoldo dos Santos Diniz (1847-1917) fez carreira na Marinha portuguesa entre fins do século XIX e o início do século XX, tendo sido reformado em 1896. Em 1884, era chamado de “o ilustrado tenente da nossa marinha de guerra”, quando a *Bibliotheca do Povo e das Escolas*⁹ mencionou sua obra *A arte naval*. “Homem de variados interesses e competências, mas, ao mesmo tempo um autor que assumia o caráter didático e pedagógico do folhetim”¹⁰, Diniz praticou os gêneros marítimo e romanesco, sendo ainda o autor de *Technologia Maritima Portuguesa*, também de 1884, e de estudos e descrições sobre Moçambique no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*. O *Dicionário de marinha* de sua autoria, em versão manuscrita, é o principal objeto de interesse neste projeto, sendo a intenção aqui estudá-lo e inseri-lo em (e fazê-lo dialogar com) uma tradição de publicações de natureza similar.

A compilação de dicionários de linguagem marítima ocorre, ao menos, desde o século XVIII. O mais antigo de que se tem notícia é o *Universal Dictionary of the Marine*, de William Falconer, editado pela primeira vez em Londres em 1769. Em Portugal e no Brasil, essa tradição foi levada adiante por meio da edição de diversos dicionários de linguagem marítima, a saber:

- AMORIM, João Pedro. *Dicionário de Marinha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.

⁹ *Bibliotheca do povo e das escolas*, v. 11. Lisboa: Horas Romanticas, 1884.

¹⁰ COITO, Rita de Almeida Pereira David. “Importância do folhetim da Geração de 70 à República: o contributo de Carlos Leopoldo dos Santos Diniz, Oficial da Armada”. *Atas das Jornadas do Mar 2008*. Lisboa: Escola Naval, 2008. A autora relaciona, nesse trabalho, a obra folhetinesca de Diniz.

- CAMPOS, Maurício da Costa. *Vocabulário marujo: ou conhecimento de todos os cabos necessários ao navio; do seu políame, e de todos os termos marujas, e de alguns da construção naval, e artilheria; de indispensável conhecimento do oficial do mar*. Rio de Janeiro: Of. de Silva Porto, 1823. 107 p.
- CLUBE NAVAL. *Dicionário Marítimo Brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1961.
- ESPARTEIRO, Antonio Marques. *Dicionário Ilustrado de Marinha*. 2ª. ed., Lisboa: Clássica, 1943.
- FREITAS, Antonio Gregório de. *Novo dicionário de marinha de guerra e mercante*. Lisboa: Imprensa Silviana, 1855.
- GOMES, Carlos Alberto da Encarnação. *Subsídios da gíria: falares que no mar se entendem*. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 2013. 158 p.
- LAMARE, José Victor de. “Dicionário técnico do oficial de Marinha”. *Revista Marítima Brasileira*, jan.1926 a maio/jun.1933.
- LEITÃO, Humberto & LOPES, José Vicente. *Dicionário da linguagem de marinha antiga e atual*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.
- REIS, Amphilóquio. *Dicionário técnico de marinha*. Rio de Janeiro: s/e, 1947.
- SANTOS, Elisiário Antônio dos (Barão de Angra). *Dicionário marítimo brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1877.
- SARMENTO, Pedro de Mariz de Sousa. *Elementos de construção e dicionário francês e português de todas as peças de que se formam os navios*. Lisboa: Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1788.
- SILVA, A. M. Braz da. *Gíria marinheira: como falam os homens do mar*. Rio de Janeiro, 1964.

Mencionem-se, ainda, os dicionários gerais da língua portuguesa, em meio aos quais muitos verbetes referem-se à linguagem dos homens do mar:

- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- SILVA, Antônio de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, v. 1, Lisboa, Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

O *Dicionário de Marinha* de Carlos Diniz insere-se em uma tradição que, em Portugal, remonta ao século XIX, além de vocabulários e textos de natureza diversa que também continham glossários de termos marítimo, feitos em séculos ainda mais recuados. A proposta de elaborar a transcrição, as notas críticas e explicativas e os estudos para a edição futura do *Dicionário* possui algumas características que merecem destaque:

- o ineditismo da fonte, um manuscrito nunca publicado;
- a possibilidade de verificar como, nos primeiros anos do século XX, o final da transição da vela ao vapor como meio de propulsão havia impactado o linguajar marítimo, estudando suas transformações e permanências desde o século XIX;
- o estudo comparativo entre os verbetes desse e de outros dicionários editados anteriormente;
- a análise da estrutura da obra e das tipologias dos verbetes (predomínio da gíria e da linguagem técnica; vocabulário sucinto; sinonímia e aproximações com dicionários similares em outras línguas).
- a edição e disseminação do material como base para outros estudos no campo da História Marítima.

A intenção, neste projeto, é cumprir diferentes fases na elaboração do estudo:

- digitalizar o manuscrito e outros documentos existentes na Biblioteca, no Museu e no Arquivo da Marinha (em Lisboa) e na Sociedade de Geografia de Lisboa sobre Carlos Diniz e sua atividade intelectual;
- transcrever o manuscrito;
- elaborar notas críticas e comparativas para os verbetes;
- viabilizar a publicação da primeira edição da obra;
- elaborar textos introdutórios e de análise, de autoria de especialistas.

3. METODOLOGIA

As abordagens possíveis para o estudo do mar como espaço histórico são variadas. Destaca-se como desafio o diálogo e a superação do recorte estrito das histórias marítimas nacionais e/ou imperiais a partir do século XIX. Da maneira como o tema é abordado, coloca-se como central o debate sobre o que vem a ser uma História Marítima ou uma História Atlântica. Porém, mais do que ter espaço e tempo próprios, a História Marítima precisa transcender as investigações tradicionais ocupadas com os problemas dos Estados nacionais, para não ser simplesmente “uma forma mais aceitável de estudar a história de impérios marítimos”¹¹. Em linha semelhante à das observações de David Armitage, Bernard Bailyn

¹¹ ARMITAGE, David. “Tres conceptos de historia atlántica”. *Revista de Occidente*, 281: out.2004, p. 8-9.

entende que a História Atlântica – e podemos ampliar suas reflexões para outros oceanos – não pode ser simplesmente a soma das histórias dos povos que habita(va)m suas margens se esses estudos quiserem ter o caráter de uma historiografia transimperial e transnacional¹².

Como premissa, muitos estudos centrados no mar como espaço histórico tendem a concordar com esses termos. Porém, é mais fácil concordar com eles do que praticar as premissas de uma História Marítima focada para além dos impérios, das nações e, sobretudo, do espaço atlântico setentrional. Como alguns estudiosos reconhecem¹³, o primado do Atlântico Norte se faz sentir em inúmeros estudos¹⁴, enquanto o Atlântico Sul e outros mares têm sido objetos de trabalhos menos numerosos¹⁵.

A composição das tripulações de longo curso tem merecido algum esforço de pesquisa pelos historiadores brasileiros. Destaco, entre outros, a tese de Silvana Jeha sobre a Armada brasileira na época da Independência, segundo a qual cerca de um terço dessa tripulação era composta por portugueses na década de 1820, sendo os demais gente nascida no Brasil, indígenas, escravos e europeus não-lusos, como as centenas de homens engajados em Londres e Liverpool em 1823 e, mais tarde, novas levas de marinheiros na década de 1830, em meio ao processo de desestruturação da Marinha britânica após as guerras napoleônicas e o desemprego que se seguiu: “Mesmo a nau capitânia Pedro I, tripulada com o que Cochrane chamou de ‘melhores marinheiros’, carregava pelo menos 25% de marujos portugueses e 60% de britânicos e norte-americanos”¹⁶. A presença de estrangeiros nas tripulações de longo curso e cabotagem e nas zonas portuárias do Brasil oitocentista era comum, denotando a multiplicidade das línguas em uso e a necessidade de travar comunicação, tanto a bordo como nas franjas da terra¹⁷.

¹² BAILYN, Bernard. *Atlantic History: Concepts and Contours*. Cambridge: Harvard University Press, 2005, p. 60; BAILYN, “The Idea of Atlantic History”. *Itinerario*, 20(1): 19-44, 1996.

¹³ “(...) um número crescente de historiadores, muitos centros de pesquisa e muitas conferências na Europa e América do Norte estão dedicados ao estudo do que é conhecido por ‘História Atlântica’, cf. CANNY, Nicholas. “Atlantic History: What and Why?”. *European Review*, 9(4), 2001, p. 399.

¹⁴ Entre muitos outros, pode ser mencionada a obra organizada por GREENE, Jack P. e MORGAN, Philip D. (eds.) *Atlantic History: A Critical Appraisal*. Nova York: Oxford University Press, 2009; BUTEL, Paul. *The Atlantic*. Londres; Nova York: Routledge, s/d.

¹⁵ Para uma abordagem que incorpora o Pacífico e o Índico, ver MACK, John. *O mar: uma história cultural*. Silveira: Book Builders, 2018. Para histórias ampliadas do Atlântico escritas originalmente em português, ver SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al (orgs.). *Atlântico: a história de um oceano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013 e RODRIGUES, No mar e em terra: história e cultura de trabalhadores escravos e livres. São Paulo: Alameda, 2016.

¹⁶ JEHA, Silvana Cassab. *A galera heterogênea: naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c. 1822-c. 1854*. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2011, p. 52-53.

¹⁷ BEZERRA, Nielson Rosa. *Mosaicos da escravidão: Identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840)*. Niterói: UFF, 2010 (Tese Dout.); SILVA JR., Carlos Francisco da. *Identidades afro-atlânticas: Salvador, século XVIII (1700-1750)*. Salvador: UFBA, 2011 (Dissert. Mestr. História).

Essa babelônia, reproduzida nos portos do mundo afora, levou muitos estudiosos a indagarem como era possível reunir e manter em harmonia tripulações internacionais, com clivagens não só linguísticas, mas também religiosas. Um estudioso sugere uma resposta: “No caso das tripulações cosmopolitas (...), a língua seria em princípio uma dificuldade imediata. Porém, é surpreendente verificar que esparsas fontes históricas mencionam esse aspecto. Na verdade, mesmo quando o tema é abordado pela literatura, é-o de uma forma que o trata como um problema que não é digno de nota”¹⁸.

Cremos não se tratar exatamente de um problema indigno de nota, mas que a questão esteja na natureza das fontes que levaram a essa dedução. As obras literárias de ficção, tais como as de Melville ou Conrad – dois dos autores reiteradamente mencionados por Mack e outros historiadores dedicados aos temas marítimos –, ambientaram seus enredos no mar e não exatamente na formação das tripulações, razão pela qual não explicam a experiência dos sujeitos como resultado de relações sociais e dos processos históricos. Eles abordaram tripulações já compostas e marinheiros experientes, para os quais a língua na qual se expressavam não era um problema. Ademais, o objeto da ficção e da historiografia raras vezes tem se fixado no processo formativo e profissional das tripulações – deixando de lado, portanto, o aprendizado linguístico dos homens engajados no mundo do trabalho marítimo.

Equipagens transatlânticas sempre tinham um aspecto de heterogeneidade. A expressão “galera heterogênea (motley crowd)”, que Jaha tomou emprestada do jargão marujo oitocentista para intitular seu trabalho, remete à profusão de línguas faladas pelos homens do mar e aos diferentes lugares de nascimento deles, ao mesmo tempo em que se reporta à galera como tipologia de navio e como gíria de bordo, no sentido de coletividade¹⁹. Se nos navios mercantes e militares luso-brasileiros dos séculos XVIII e XIX a diversidade linguística era comprovadamente menor do que a encontrada em outras marinhas, nem por isso a questão da linguagem dos marinheiros deixa de se constituir como problema. A precisão técnica, a concisão, as gírias de proa, a expressão da hierarquia social, os cargos e as funções a bordo eram elementos apreendidos pelos homens engajados nesse segmento do mundo do trabalho e merecem um estudo para o qual os dicionários de termos marítimos são instrumentos valiosos e insubstituíveis. A dinâmica das transformações e a força das tradições na manutenção do vocabulário são partes da história social da língua que demandam a reunião e a divulgação das poucas fontes existentes, sendo o Dicionário de Diniz uma delas. Além do que, a data da

¹⁸ MACK, *O mar: uma história cultural*, p. 231.

¹⁹ JEHA, *A galera heterogênea*, p. 194, 213, 225.

elaboração do manuscrito (1913) encontra-se no fechamento de um período de importantes transformações técnicas, da vela ao vapor, que pode encontrar nessa fonte um aporte importante para checar a hipótese de que para cada periodização técnica haja um vocabulário correspondente, evidenciando a dinâmica da linguagem marítima e a persistência das tradições.

Os interesses imperiais e os financiamentos acadêmicos para a pesquisa decerto tem um peso explicativo nas diferenças de ênfase nos estudos de História Marítima entre os hemisférios Norte e Sul e entre as historiografias anglófona e lusófona. Em Portugal, não é descabido afirmar que os primeiros séculos da expansão marítima foram e ainda são privilegiados na historiografia. No Brasil, os estudos de História Marítima são muito reduzidos, talvez em razão da continentalidade, da dimensão do território do país, do privilégio dos estudos sobre a manutenção da unidade do Estado nacional como tema nos estudos históricos desde o século XIX e da concentração dos estudos marítimos em academias e tradições militares da Marinha de Guerra. Nada disso, porém, inviabiliza a linha de pesquisa aqui proposta. Também é fato que muitos atlanticistas nos Estados Unidos, Reino Unido e França (para mencionar três historiografias marítimas tradicionais) normalmente desconhecem as fontes em línguas como o português e o espanhol, e a dificuldade de acesso de pesquisadores que dominam estas línguas às publicações em inglês pode ser revertida em benefício de uma abordagem ampliada da historiografia dos mares, por meio da inserção de pesquisadores do hemisfério sul na construção de historiografias mundiais ou, ao menos, mais abrangentes temporal e espacialmente. O mesmo vale para os lusófonos, as fontes em língua portuguesa e as especificidades do uso dessa língua pelos mares do planeta.

4. DESENVOLVIMENTO

O projeto até então vem sendo desenvolvido pelos bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET-História) da UNIFESP. O trabalho dos bolsistas está concentrado na transcrição do manuscrito, na elaboração de notas explicativas e críticas aos verbetes e no fichamento de leituras bibliográficas. O programa conta com 12 bolsistas. Além disso, o projeto utiliza de espaços disponíveis dentro da UNIFESP, como o Centro de Memória e Pesquisa Histórica do Departamento de História da EFLCH/UNIFESP para a pesquisa e transcrição do original manuscrito, em como para reuniões técnicas entre os membros da equipe. Dessa forma, as etapas já desenvolvidas foram a digitalização do manuscrito e a transcrição do mesmo. As próximas fases do projeto serão a elaboração de notas críticas e comparativas para os verbetes e a viabilização da publicação da primeira edição da obra; assim como a elaboração de textos introdutórios e de análise, de autoria de especialistas.

Nas fases de transcrição e elaboração das notas, o objetivo é envolver estudantes de graduação, que farão a leitura, a fixação do texto, a sistematização, a organização, as remissões, as comparações, o fichamento de textos e a escrita de pequenos textos críticos e explicativos dos verbetes, quando for necessário

O problema a ser encarado no desenvolvimento deste projeto, portanto, dialoga com uma abordagem consolidada na historiografia marítima internacional. Trata-se de investigar, por meio dos dicionários de marinharia, a questão da linguagem marítima, suas transformações e permanências no decorrer do tempo e diante das mudanças técnicas. Ao mesmo tempo, é preciso observar o espaço da navegação luso-brasileira em suas especificidades frente às outras marinhas para as quais a historiografia é mais volumosa e enraizada. Desta forma, a transcrição e publicação do Dicionário da Marinha do Carlos Diniz se encaixa nessa perspectiva historiográfica e busca contribuir como uma nova fonte na elaboração de estudos e pesquisas na área, trazendo uma nova perspectiva devido sua fonte inédita. Além disso, proporciona uma reflexão crítica e comparativa, uma vez que, o projeto conta comparações dos verbetes presentes em outros dicionários de diferentes autores e períodos e análises e comentários feitos por especialistas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O grupo PET-História da UNIFESP, conta com o tripé de pesquisa, ensino e extensão, tendo como pilares de seus projetos essas características, levando o conhecimento produzido na universidade para fora da comunidade acadêmica, assim, a exposição desse projeto no evento da III Semana do Conhecimento é uma forma de levar nosso projeto para além da universidade. Além disso, o próprio projeto tem caráter de expansão, proporcionando a realização de outras pesquisas a partir dele, uma vez que este disponibiliza integralmente uma fonte inédita. Vale ressaltar o tema "Bioeconomia: Diversidade e Riqueza para o Desenvolvimento Sustentável", assim os projetos poderão estar alinhados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável²⁰, sendo um deles “Assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos”, que vai também de encontro ao pilar do grupo PET e outro que diz respeito a “Conservação e uso sustentável dos oceanos, dos mares e dos recursos marinhos para o desenvolvimento sustentável”, que se relaciona com o tema do próprio projeto que pensa história marítima.

Ainda o projeto resultará na edição crítica de uma fonte inédita, o *Dicionário de marinha* de autoria de Carlos Diniz, a partir do manuscrito de 1913. Sua disseminação se dará

²⁰ <https://nacoesunidas.org/conheca-os-novos-17-objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel-da-onu/>

por meio da sua publicação, bem como da divulgação dos resultados nos meios acadêmicos através de três eventos. Assim, o projeto vai de encontro com um dos pilares do evento, conforme item VII. *Da Submissão de Projetos* do edital.

VII.I.I Indústria Criativa:

VII.I.I.II Mídias:

VII.I.I.I.I Editorial: edição de livros, jornais, revistas e conteúdo digital.

Apanhado de tudo que já fizemos e planejamento da publicação do livro e evento

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, João Pedro. Dicionário de Marinha. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.

ARMITAGE, David. “Tres conceptos de historia atlántica”. Revista de Occidente, 281: 7-28, out.2004.

BAILYN, “The Idea of Atlantic History”. Itinerario, 20(1): 19-44, 1996.

BAILYN, Bernard. Atlantic History: Concepts and Contours. Cambridge: Harvard University Press, 2005.

BEZERRA, Nielson Rosa. Mosaicos da escravidão: Identidades africanas e conexões atlânticas do Recôncavo da Guanabara (1780-1840). Niterói: UFF, 2010 (Tese Dout.).

BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.

BUTEL, Paul. The Atlantic. Londres; Nova York: Routledge, s/d.

CAMPOS, Maurício da Costa. Vocabulário marujo: ou conhecimento de todos os cabos necessários ao navio; do seu políame, e de todos os termos marujas, e de alguns da construção naval, e artilheria; de indispensável conhecimento do oficial do mar. Rio de Janeiro: Of. de Silva Porto, 1823.

CANNY, Nicholas. “Atlantic History: What and Why?”. European Review, 9(4): 399-411, 2001.

CHARTIER, Roger. “Text, Symbols, and Frenchness”. The Journal of Modern History, 57(4): 682-695, dez.1985.

CLUBE NAVAL. Dicionário Marítimo Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1961.

COITO, Rita de Almeida Pereira David. “Importância do folhetim da Geração de 70 à República: o contributo de Carlos Leopoldo dos Santos Diniz, Oficial da Armada”. Atas das Jornadas do Mar 2008. Lisboa: Escola Naval, 2008.

ESPARTEIRO, Antonio Marques. Dicionário Ilustrado de Marinha. 2^a. ed., Lisboa: Clássica, 1943.

FREITAS, Antonio Gregório de. Novo dicionário de marinha de guerra e mercante. Lisboa: Imprensa Silviana, 1855.

FRYKMAN, Niklas. "Connections between Mutinies in European Navies". IRSH, 58: 87-107, 2013, Special Issue.

FRYKMAN, Niklas. "Seamen on Late Eighteenth-Century European Warships". International Review of Social History, 54: 2009, 67-93.

GOMES, Carlos Alberto da Encarnação. Subsídios da gíria: falares que no mar se entendem. Lisboa: Edições Culturais da Marinha, 2013. 158 p.

GREENE, Jack P. e MORGAN, Philip D. (eds.) Atlantic History: A Critical Appraisal. Nova York: Oxford University Press, 2009.

JEHA, Silvana Cassab. A galera heterogênea: naturalidade, trajetória e cultura dos recrutas e marinheiros da Armada Nacional e Imperial do Brasil, c. 1822-c. 1854. Rio de Janeiro: PUCRJ, 2011.

LAMARE, José Victor de. "Dicionário técnico do oficial de Marinha". Revista Marítima Brasileira, jan.1926 a maio/jun.1933.

LEITÃO, Humberto & LOPES, José Vicente. Dicionário da linguagem de marinha antiga e atual. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963.

LINEBAUGH, Peter & REDIKER, Marcus. A hidra de muitas cabeças: marinheiros, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

LINEBAUGH, Peter. "Todas as montanhas atlânticas estremeceram". Revista Brasileira de História, São Paulo, nº 6: 7-46, set. 1983.

MACK, John. O mar: uma história cultural. Silveira: Book Builders, 2018.

MERRIEN, Jean. A vida quotidiana dos marinheiros no tempo do Rei-Sol. Lisboa: Livros do Brasil, s/d.

REDIKER, Marcus. Between the Devil and the Deep Blue Sea: Merchant Seamen, Pirates, and the Anglo-American Maritime World (1700-1750). Nova York: Cambridge University Press, 1989.

REIS, Amphilóquio. Dicionário técnico de marinha. Rio de Janeiro: s/e, 1947.

RODRIGUES, Jaime. "Embarca agora a primeira vez: marinheiros na rota Lisboa-Rio de Janeiro nos séculos XVIII e XIX". Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, v. 9, p. 15-30, 2015.

RODRIGUES, Jaime. “Circulação atlântica: idade, tempo de trabalho e funções de escravos e libertos na marinha mercante luso-brasileira, séculos XVIII e XIX”. *História*, v. 34, n. 2, p. 128-145, dez. 2015.

RODRIGUES, Jaime. “Um perfil de cargos e funções na marinha mercante luso-brasileira, séculos XVIII e XIX”. *Anos 90*, v. 22, n. 41, 295-324, dez.2015.

RODRIGUES, No mar e em terra: história e cultura de trabalhadores escravos e livres. São Paulo: Alameda, 2016.

SANTOS, Elisiário Antônio dos (Barão de Angra). *Dicionário marítimo brasileiro*. Rio de Janeiro: Tip. do Imperial Instituto Artístico, 1877.

SARMENTO, Pedro de Mariz de Sousa. *Elementos de construção e dicionário francês e português de todas as peças de que se formam os navios*. Lisboa: Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno, 1788.

SCOTT, Julius Sherrard. *The Common Wind: Currents of Afro-American Communication in the Era of the Haitian Revolution*. Ann Arbor: Duke University, 1986.

SILVA JR., Carlos Francisco do. *Identidades afro-atlânticas: Salvador, século XVIII (1700-1750)*. Salvador: UFBA, 2011 (Dissert. Mestr. História).

SILVA, A. M. Braz da. *Gíria marinheira: como falam os homens do mar*. Rio de Janeiro, 1964.

SILVA, Antônio de Moraes, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*, v. 1, Lisboa, Of. de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da et al (orgs.). *Atlântico: a história de um oceano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

VALENTIM, Carlos Manuel Baptista. “Eça, Vicente Maria de Moura Coutinho de Almeida d’.” In: MATOS, Sérgio Campos (coord.). *Dicionário de Historiadores Portugueses: da Academia Real das Ciências ao final do Estado Novo*. Lisboa: Universidade de Lisboa, s/d. Disponível em <http://dichp.bnportugal.pt/historiadores/historiadores_eca.htm>.